

APRESENTAÇÃO

Acerca de Áfricas Plurais e Contrastantes

Ana Regina Falkembach Simão¹
Adriana Schryver Kurtz²

Como bem lembrou Philippe Hugon em “Geopolítica da África”, o continente africano é uma terra de intensos contrastes. Local da origem do homem, gigantesca em suas dimensões – nada menos de 30 milhões de quilômetros quadrados – e marcada por tradições ancestrais que remontam aos primórdios da humanidade, a África é, paradoxalmente, “jovem pela idade de sua população ou pela data de nascimento de seus Estados” (HUGON, 2009, p.27). Esses imensos contrastes, dos pontos de vista geográfico, histórico, sociopolítico, econômico e cultural são acentuados “por haver pouca integração pela língua, pela moeda e o mercado, pelo Estado ou pelas religiões monoteístas”. Nesse continente que durante décadas foi chamada de África Negra (expressão determinada por uma inevitável “geopolítica da linguagem”), cinco grandes regiões expressam tamanha imensidão e pluralidade: a África ocidental, a central, a oriental, a meridional e as ilhas do Oceano Índico.

O autor de “Geopolítica da África” também chama a atenção para os principais tipos de configurações regionais. Em primeiro lugar, as *sociedades em guerra, os Estados falidos ou frágeis*, países em guerra ou marcados por conflitos violentos (o que afeta mais de 20% da população africana); depois os chamados *países menos adiantados* (PMA) marcados por problemas de baixa renda, fraco capital humano e vulnerabilidade econômica, que atingiriam 35 Estados africanos; as *sociedades mineiras e petroleiras*, cujos conglomerados, não raro em situação de concorrência oligopolista, situam-se no centro dos jogos de poder político e, eventualmente, dos conflitos; as *sociedades agroexportadoras*, que constituem um setor industrial moderno e dinâmico, todavia em crise e, finalmente, as *socie-*

1 Editora da Revista Século XXI, pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Relações Internacionais (NEPRI) e Professora do curso de Relações Internacionais da ESPM-Sul. Doutora em História pela UFRGS. <anasimao@terra.com.br>

2 Editora Assistente da Revista Século XXI, pesquisadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo (NEJOR) e Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da ESPM-Sul. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. <adriana-kurtz@terra.com.br>

dades agroindustriais abertas. Mas a África é também o continente de *potências regionais*, como a África do Sul, Nigéria e Etiópia, estados cruciais para as grandes potências – com destaque para os Estados Unidos – e que se configuram como polos hegemônicos regionais potenciais ou reais (no caso, a África do Sul), participando da *pax africana*.

Se o autor abre seu estudo de forma provocativamente peremptória ao dizer que “a África se encontra à margem das relações internacionais. Está incluída no sistema internacional, porém situada em sua periferia” (Hugon, 2009, p. 11) ele faz questão de ressaltar que hoje, “as Áfricas constroem sua própria modernidade combinando seus tempos históricos próprios e o tempo da globalização” (idem, p. 145). Três cenários geopolíticos despontam ao final de sua obra: a) uma África dessincronizada do tempo mundial, no qual as mais pessimistas visões desenham uma África politicamente dilacerada e economicamente fracassada; b) uma África positivamente integrada na globalização, tornando-se competitiva, produtiva e democrática; 3) o cenário de Áfricas diferenciadas em torno de polos regionais, no qual surgiriam grandes potências regionais, como a África do Sul ou Nigéria.

A breve recuperação da obra “Geopolítica da África” nos parece adequada para introduzir a temática central desta quarta edição da **Século XXI**, cujo dossiê destaca o continente africano. Assim, a Revista, uma publicação do curso de Relações Internacionais e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Relações Internacionais (NEPRI) da Escola Superior de Publicidade e Marketing do Rio Grande do Sul (ESPM-SUL), pretende contribuir para um debate que, certamente, ainda está incipiente diante da complexidade e da riqueza de abordagens possíveis. As “Áfricas plurais e contrastantes”, para usar uma expressão cara a Philippe Hugon, indiscutivelmente abrem um fascinante e amplo espectro de estudos e pesquisas para o campo das Relações Internacionais.

Desta forma, a quarta edição da **Século XXI** entrega aos leitores cinco abordagens reunidas no dossiê África, além de dois artigos e uma resenha. “**Relações interafricanas: Senegal e os desafios da integração regional**”, de Mamadou Alpha Diallo, analisa a importância e os desafios da integração regional oeste africana para o Estado do Senegal, observando em perspectiva panorâmica os processos de aproximação dos países oeste africanos e destacando sua importância, tanto para grandes países como a Nigéria, aspirante ao papel de liderança regional, quanto para pequenos países como o Senegal. O autor sustenta que a integração regional tem ocupado uma posição destacada na política externa senegalesa, ainda que seja limitada por um excessivo número de organizações regionais hoje existentes.

“**As relações sino-africanas: (muitos) mitos e (algumas) realidades**”, de Paulo Fagundes Visentini e Guilherme Ziebell de Oliveira, destaca a aproximação entre Ásia e África, em função do grande desenvolvimento chinês das últimas décadas e sua demanda por matérias primas, fontes de alimentos e de energia, e por mercados consumidores, impactando positivamente a economia africana, até então marginalizada no cenário mundial. Diante das críticas das potências que reclamam de um suposto “neocolonialismo à chinesa”, o autor discute se a China, afinal, estaria se convertendo num polo imperialista ou num efetivo parceiro do desenvolvimento africano. “**Solidariedade, discursos e ideologia como fontes de poder nas Relações Internacionais Africanas: o caso de Robert Mugabe**”, de Xaman Minillo, revista o governo de Robert Mugabe no Zimbábue, demonstrando que a continuidade de seu regime, em que pese às pressões e sanções ocidentais sofridas a partir de meados da década de 1990, pode ser creditada ao uso estratégico de um discurso que mobilizou a solidariedade dos Estados africanos. Para o autor, solidariedade, ideologias e discursos foram utilizados estrategicamente nas relações internacionais do Zimbábue para garantir a continuidade do regime de Mugabe até os dias de hoje.

Já “**O Atlântico Sul no contexto das Relações Brasil-África**”, de Analúcia Danilevicz Pereira e Luísa Calvete Portela Barbosa, destaca o papel do Atlântico Sul como principal rota comercial e de conhecimento entre Brasil e África. Para as autoras, como plataforma rica em recursos naturais e biodiversidade, a importância internacional do Atlântico Sul aumenta em função da possibilidade de desenvolvimento de seu potencial, atraindo potências extrarregionais. Neste cenário, a pesquisa busca focar o desenvolvimento das relações brasileiras com os países africanos. No último trabalho do Dossiê, intitulado “**O Brasil e a Cúpula América do Sul-África: um emergente nas relações Sul-Sul**”, Diego Pautasso e Adriana Pilar Albanus examinam o papel da Cúpula América do Sul-África para a diplomacia brasileira. A criação do organismo, como defenderá o artigo, faria parte da reorientação da política externa brasileira sob o governo Lula, enquadrando-se num movimento mais geral de fortalecimento das relações Sul-Sul e de reordenamento de poder mundial.

Integrando os artigos da **Século XXI**, Celso Rodrigues e Gustavo Oliveira de Lima Pereira assinam “**Estado-Nação, Cultura e Democracia: novas reivindicações para uma Globalização intercultural**”, na qual propõem uma interface entre Relações Internacionais, Ciências Sociais e Direitos Humanos, debatendo identidade política, nacionalismo e Estado-nação no contexto da atual globalização intercultural. Para os autores, as transformações das pautas políticas em direção à demandas vinculadas a um embate cultural demonstra como os

grupos sociais vem rejeitando, com as suas peculiaridades, as estratégias políticas tradicionais, em geral marcadas pela verticalidade nas relações entre Estado e sociedade. Por sua vez, **“O Diplomata Corporativo: competências e liderança”**, de Genaro Viana Galli, examina – diante do ambiente de negócios global - o estatuto do chamado Diplomata Corporativo. O texto reflete sobre as demandas de competência e liderança deste profissional para o desenvolvimento e execução de estratégias de internacionalização das organizações contemporâneas.

Finalmente, Natalia N. Fingeremann resenha a obra **“África Parceira do Brasil Atlântico - Relações Internacionais do Brasil e da África no início do Século XXI”**, de José Flavio Sombra Saraiva. Lembrando que o século XXI é marcado pelo redescobrimto do continente africano e que a participação brasileira no continente africano também passa a ser comentada por jornalistas, acadêmicos, órgãos governamentais e organizações internacionais, a autora salienta as contribuições da abordagem de José Saraiva para os estudos acerca da evolução das relações Brasil- África nesse século. Resta, portanto, desejar a todos que apreciem as contribuições de nossos colaboradores. Boa leitura!